

Manter inalterável o rumo para não perder velocidade

CARLOS MORAIS :: 18/07/2012

Ante el día de la patria galega, mantener inalterable el rumbo, para no perder velocidad

Sob a justificação de fazer frente à crise capitalista em base a implementação de políticas de “austeridade” para reduzir o défice, a ofensiva burguesa não descansa. O início do início anunciado há meses pela Vicepresidenta do governo espanhol tem provocado incremento do desemprego e da precariedade laboral, retrocessos na saúde, educação e serviços sociais, redução de salários e alteração definitiva das relações laborais pactuadas na Transição entre o regime pós-franquista e o sindicalismo pactista. A cultura da negociação permanente como base da conciliação de classes que permitia a “paz social” facilitadora da exploração capitalista está à beira de desaparecer.

A pressão impositiva sobre as classes trabalhadoras e setores intermédios, unido à escalada de incremento de preços em serviços essenciais como eletricidade, butano e gás, ou nos combustíveis e transporte, contribuíram a uma perda paulatina de poder aquisitivo e o incremento da pobreza e exclusão social.

Este é o diagnóstico das políticas implementadas nos últimos anos pelos partidos centrais da ditadura burguesa espanhola segundo os ditames do FMI, do Banco Central Europeu e da Comissão Europeia.

O roteiro neoliberal avança imparável. A partir de hoje, com uma nova aceleração e um centro de gravidade marcado basicamente por Bruxelas, no momento em que Espanha aceita as condições do memorando. Em troca da concessão de um “empréstimo” de 100.000 mil milhões de euros para recapitalizar o setor bancário, Madrid cede soberania, avançando assim na homologação com a Grécia, Portugal e Irlanda. Convertendo-se num novo neoprotetorado.

Endurecimento do centralismo espanholista e do patriarcado

Esta insaciável ofensiva está sendo acompanhada por um brutal ataque à tímida descentralização administrativa que há três décadas e meia vertebrou o Estado centralista em Comunidades Autónomas que garantiram perpetuar a “unidade indivisível” da nação espanhola sobre os direitos nacionais da Galiza.

A burguesia não só está desmantelando o mal denominado estado da providência, também pretende recuperar parte das competências autonómicas com uma indissimulada lógica recentralizadora e chauvinista espanhola. Sem lugar a dúvidas, os sucessos no âmbito do desporto-espetáculo atingidos pela seleção espanhola contribuem a criar uma atmosfera que facilita a identificação de amplos setores da classe obreira e camadas populares -com destaque entre as gerações mais jovens, com este semifalido Estado de inspiração jacobina.

Porém, entre os setores do povo trabalhador mais agredidos pela ofensiva burguesa, destaca mais de metade da força de trabalho representada pelas mulheres. Sobre elas o

Capital, simbioticamente aliado com o Patriarcado, fai recair umha parte considerável dos cortes e retrocessos laborais e sociais. A ofensiva machista e rearmamento ideológico do patriarcado aprofundam na desigualdade entre os sexos.

Eis, pois, os três principais eixos centrais de caráter endógeno da conjuntura sócio-política deste 25 de Julho.

Carências e desafios do movimento obreiro e popular

A fraca resistênciã obreira, nacional e feminista, que até o momento tem caraterizado o tímido incremento das luitas populares, facilita que o estado de opiniom do nosso povo oscile entre a resignaçom e o temor paralisante, perante o agravamento da situaçom e ante a ausênciã de alternativas e ferramentas eficazes e solventes de luta com projeçom e dimensom de massas. Esta subjetividade combina-se com o incremento da desconfiança e desafeiçom pola casta política e pola figura do monarca que, como um ícone atemporal, representa a fraude política imposta na etapa posterior a 1975.

Mas também o aumento de umha ira cada vez mais difícil de conter polo endurecimento das condiçons objetivas e polo desconhecimento da distância a percorrer para acharmos a luz do final do túnel ultraliberal.

Porém o fatalismo impom-se sobre o olfato e o instinto à resistênciã que o nosso povo e a nossa classe tenhem demonstrado de forma desigual e descontínua o longo da história nacional.

O Estado imperialista espanhol é consciente deste dilema. Até o momento, conseguiu surfar com sucesso umhas águas cada vez mais remexidas. Promovendo inofensivos movimentos de protesto que facilitassem rebaixar a tensom acumulada, mas também reprimindo sem contemplaçons @s que ousam combater a exploraçom e a opressom; armando-se até os dentes e realizando sucessivas reformas do Código Penal e novos anúncios ameaçantes tendentes a criminalizar a luta.

Umha parte da maior compra de material “anti-motim” da sua história, realizada pola Guarda Civil em dezembro de 2011, já está a ser utilizada para reprimir a exemplar luta dos mineiros do leste da Galiza e de outras zonas do Estado espanhol.

Sem lugar a dúvidas, o denominado 15-M tem sido a peça essencial para demorar levantamentos e revoltas sociais -nom para ios mpossibilitar, pois nom há força que consiga deter umha Revoluçom quando se dam as condiçons propícias para o seu sucesso.

A cada vez mais descarada manipulaçom da realidade promovida polos meios de (des)informaçom da burguesia é outro dos ingredientes do coquetel repressivo-autoritário que a burguesia está a preparar para -insisto- unicamente demorar a contraofensiva obreira, nacional e feminista.

Claro que esta só será possível se nesta convulsa etapa de crise se produzirem alteraçons qualitativas e quantitativas na correlaçom de forças do movimento popular. Sem umha inclinaçom face às posiçons da esquerda revolucionária em detrimento da hegemonia

reformista no sindicalismo, nos movimentos sociais e nos partidos da esquerda nacional, nom se dará evitado que as futuras revoltas populares contra a miséria e a repressom, em defesa da soberania nacional, sejam absorvidas e integradas na lógica sistémica.

Lamentavelmente, nos dias de hoje, a tendência nom é favorável à posição anticapitalista, independentista e feminista que defendemos @s comunistas galeg@s.

O ano político que em semanas conclui com o Dia da Pátria caracterizou-se por um inconstante e tímido aumento das luitas populares. A greve geral de 29 de março marcou o ponto mais álgido. A partir daí, a acumulação subjetiva de forças foi perdendo energia, entre esporádicas luitas protagonizadas polo proletariado metalúrgico de Trasancos e Vigo, polo setor mineiro e, já com outra dimensom, polo funcionariado público e o estudantado universitário.

O sindicalismo galego carece de umha estratégia de luta real, pois a sua direção e gigantesca estrutura burocrática está conjurada com a lógica do eleitoralismo e da alternância de gestom da partitocracia. Os movimentos sociais seguem instalados no labirinto do curtprazismo e da estreita setorialização.

De árvore podre nom saem frutos saos

A rutura do BNG em janeiro e o processo atualmente inacabado de recomposição do espaço que oscila entre o autonomismo e o soberanismo de esquerda, é um dos fatores mais destacados à hora de abordar as chaves da conjuntura política e social, e a decisom adotada por NÓS-Unidade Popular de convocar novamente manifestação no Dia da Pátria.

A grave situação económica é a razom principal que permite interpretar o aparente giro à esquerda e soberanista que o BNG adota na XIII Assembleia Nacional, posteriormente ratificado pola UPG no seu XIII Congresso de junho.

O endurecimento do seu discurso é meramente tático e oportunista, mas paradoxalmente as teses políticas aprovadas em ambos conclaves som bastante mais “avançadas” que os documentos a debate da assembleia constitutiva do autodenominado Novo Projeto Comum que, salvo alteraçoms de última hora, o vindouro fim de semana unificará o beirismo com núcleos de militantes nacionalistas e diversas fraçons da denominada esquerda independentista/soberanista, que optam por reativar com a sua matriz o cordom umbilical do qual nunca quigérom desprender-se.

A leitura destas teses só ratifica que o NPC nom pretende ser mais do que umha versom autótone da nova socialdemocracia emanada do altermundismo, dos pós-marxismos, e das claudicaçons nos princípios que dam lugar à concentraçom de forças políticas como o Syriza grego. Fenómenos que o Capital considera como umha opção para substituir em tempos de crise a desgastada expressom tradicional da Internacional “Socialista”.

Haverá quem manifeste necessidade de manter prudência e aguardar os resultados do encontro antes de realizar consideraçons de fundo. No entanto, nada indica, antes ao contrário, que vamos assistir ao nascimento da ferramenta de organização e luta de que o povo trabalhador galego está órfao. Nom querem ser umha força política-movimento

antissistémico além dos grandiloqüentes discursos ou das sedutoras reflexões teóricas divorciadas de uma conseqüente praxe. Mesmo ainda que quisessem, com esses vimes não lograriam sê-lo.

Independentemente da composição final dessa organização, é a figura de Beiras quem define a sua orientação. No imediato está condenada a um entendimento eleitoral com os setores mais direitistas cindidos do BNG, com diversos grupos de oportunistas e mesmo com um núcleo de recém saídos do PSOE, todos em “amor e companhia” aglutinados sob o carimbo de “Compromiso por Galicia”.

A enorme cobertura mediática destes movimentos internos de recomposição do espaço tradicionalmente hegemônico pelo BNG é expressão da utilidade deste processo para o regime. Contribui para manter na confusão e na permanente convulsão organizativa boa parte do sujeito político e social imprescindível para avançar na construção de um vigoroso Movimento de Libertação Nacional Galego enquadrado numa estratégia ruturista com Espanha, o Capital e o Patriarcado, mas também com as estruturas imperialistas em que a decrépita outrora potência imperialista está inserida. Sem um avançado programa de luta que combine a tática com a estratégia, continuaremos mais uma década despenhando-nos no buraco da dominação e exploração.

Devemos, pois, contribuir para a criação de um radical movimento obreiro e popular que, emanado das mais profundas entranhas do povo galego, se forje na luta entre as derrotas do presente e as vitórias que há de vir. Não podemos depositar esperanças em discursos demagógicos, em falazes alternativas, em sedutores discursos e, muito menos, em milagres de taumaturgos. Só nós mesmos poderemos libertar-nos. Não vai ser fácil. Como qualquer parto será doloroso, mas reconfortante por termos facilitado nova vida num novo mundo.

Porque, contrariamente aos discursos dominantes, a saída à crise capitalista só é possível com uma alternativa revolucionária.

Três interpretações falazes da crise

Hoje são basicamente três os grandes polos que, em similar campo ideológico, pugnam por neutralizar ou pelo menos domesticar, mediante enganos e estratégias, a convulsão social:

1º- As diversas forças defensoras da ordem burguesa que acreditam com fé cega que a superação da recessão econômica é mera questão de tempo. Aproveitam a conjuntura para realizar de forma acelerada os reajustamentos políticos, econômicos, sociais, culturais, militares, ideológicos que vêm tentando aplicar desde a queda da URSS, na procura de uma “democracia burguesa” caracterizada pelo autoritarismo, a sobre-exploração e o pensamento único. PP e PSOE são expressões genuínas deste primeiro grupo. Diferenciam-se nas formas, no estilo, nas trajetórias, mas coincidem na desmontagem do modelo social derivado da II Guerra Mundial, que procurava evitar o contágio soviético.

Para reforçar o falso pluralismo que caracteriza a ditadura da burguesia, aparentam cumprir diferentes papéis que facilitam a manutenção da virtual “democracia” num cada vez mais imaginário e falso eixo “direita-esquerda”, hoje incompreensível para interpretar e discernir

quem é quem.

2º- As múltiplas variantes do reformismo, tanto de âmbito nacional como estatal. Com um discurso contrário aos cortes e às reformas, “radicalizado” pela ofensiva burguesa, mas que, cada vez que tenham oportunidade de gerir espaços de governo, aplicam similares políticas neoliberais que na oposição fustigam. IU, BNG e as suas frações cindidas enquadram-se neste campo.

Som mais nocivos que PP-PSOE, pois geram falsas expectativas e ilusões em poder corrigir os excessos do capitalismo sem derrubá-lo, entre bem-intencionados setores populares dispostos à confrontação, mas carentes de referentes sólidos pela evidente debilidade atual da esquerda revolucionária galega.

A fértil história da luta de classes tem ensinado que as massas só se decantam pelo confronto quando não existe mais alternativa que o combate para sobreviver. Até esse instante ou seus preâmbulos, preferem a comodidade das alternativas edulcoradas.

3º- Discursos provenientes de setores decepcionados com a casta política tradicional que desde as torres de marfim das cátedras universitárias ou dos meios de comunicação, recuperam desgastadas interpretações regeneracionistas, empapadas de populismo, para racionalizar o modelo e manter a coesão social que permita perpetuar o capitalismo espanhol. Com certo eco em setores populares, e basicamente apoio entre a pequena burguesia, nem questionam a economia de mercado nem a opressão nacional da Galiza, nem a dominação patriarcal. Diagnosticam que para evitar o caos que se divisa no horizonte¹ é necessário cortar as “despesas, esbanjamento e ineficácia do hipertrofiado aparelho das administrações públicas”². Desagregam os fenômenos da corrupção, da burocracia, do parasitismo e o esbanjamento de recursos públicos da intrínseca natureza do modo de produção capitalista. Estes discursos contribuem para fomentar o renascer das soluções autoritárias e mesmo do fascismo nas suas diversas modalidades: o de glamour cor-de-rosa (espanhola UPyD) ou a das bravatas e estéticas nazis (Aurora Dourada grega).

A noite sempre é mais obscura antes da alvorada

Se nos deixássemos guiar pelos discursos dominantes entre os acérrimos defensores do Capital e os seus críticos mornos da “velha, nova e novíssima esquerda”, todo indicaria que não existe esperança nem alternativa. Se só analisássemos a realidade mais quotidiana que nos rodeia, reafirmaríamos a vigência da TINA. Aquela hoje parcialmente esquecida tese “There Is No Alternative” popularizada por Margaret Thatcher em plena orgia neoliberal dos oitenta.

Porém, a realidade não sempre se mostra abertamente. O capitalismo crepuscular está muito doente. O Estado-nação espanhol nunca esteve tão próximo da sua descomposição. O questionamento da específica opressão da mulher nunca teve tanto apoio político e teórico.

Que passa, pois? Assim as contas parecem não encaixar.

As perturbações que abalam o sistema são muito profundas e sem solução, mas também é imenso o dano da pesada lousa provocada entre a consciência do proletariado e dos povos

do mundo pola queda do socialismo soviético em 1991, pola tam interesseira como errónea identificación de fracasso comunista com a implosom da URRS.

A paulatina integración do movemento popular galego, hegemonizado pola UPG-BNG, na lóxica da democracia burguesa espanhola contribuiu para a desmobilización social, para a perda de referentes combativos no País, perante a incapacidade da esquerda independentista em substituir o imenso vazio provocado pola claudicación promovida polo binómio Paco Rodrigues-Beiras.

No entanto, será a habilidade e a pericia das forzas revolucionárias à hora de aproveitar as antagónicas contradicións das condicións objetivas de pobreza, miséria, dor, humilhação a que nos conduz o caos imperialista, as que ajudem ao sucesso do “último desenlace” de que falava Marx. Sem vanguarda comunista, nom é possível o triunfo popular e o início da edificación do ser humano novo que o Che nos ensinou.

Com paciência e perserverância, embora com resultados excessivamente modestos, entre contínuos contratempos e imensas dificuldades, Primeira Linha continua avante com o seu livro de bordo insurgente. Frente a tanto oportunismo e deserção, mantemos firmeza no leme, construindo o partido comunista que a classe obreira e o povo galego necessitam, para as batalhas do presente e para as vitórias do futuro.

Continuamos a acreditar que os sonhos podem converter-se em realidade. Segue fervendo-nos o sangue perante a desfeita a que está submetido o nosso povo e a nossa identidade. Porque "nunca será tam longo nem inteiramente tortuoso o caminho como para nos fazer arriar as bandeiras que agitamos, desde as raíces do nosso compromisso sagrado pola terra prometida do comunismo".

Por este motivo, embora tenhamos sido convidadas, nom assistiremos ao baile de máscaras do vindouro sábado e sim estaremos no 25 de Julho às 12.30 na Alameda compostelana para participar na manifestação independentista, anticapitalista e feminista que NÓS-UP convoca no Dia da Pátria.

Galiza, 10 de julho de 2012

Notas

1 “Porque se, a pesar de todo, o que tem em mente o Governo é dedicar as próximas semanas a castigar mais a carteira e os direitos dos cidadaos com cortes até agora inimagináveis, só vai lograr somar mais desafeição e pôr em risco a sua continuidade com um abandono maciço de votantes, por certo, quase em vésperas das eleições galegas. E ainda mais que isso: à vista está que por este caminho mesmo tem entrado em risco a pervivência do próprio sistema e da paz social”. Fragmento de Antes da bancarrota, editorial assinada polo presidente e editor de “La Voz de Galicia”, 12 de abril de 2012.

2 Cortar por lo insano, editorial assinada polo presidente e editor de “La Voz de Galicia”, 28 de junho de 2012.

<https://galiza.lahaine.org/manter-inalteravel-o-rumo-para-nom-perde>